

---

**DIALOGICIDADE E HUMANIZAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE O  
DIÁLOGO E O MODO DE SER PROPRIAMENTE HUMANO**

**DIALOGICITY AND HUMANIZATION: SOME RELATIONS BETWEEN  
DIALOGUE AND THE PROPERLY HUMAN WAY OF BEING**

**DIALOGICIDAD Y HUMAIZACIÓN: ALGUNAS RELACIONES ENTRE EL  
DIÁLOGO Y LA FORMA HUMANA DE SER**

João Henrique Souza Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Quando se investiga o processo de humanização se constata que a dialogicidade é um elemento central, uma vez que expressa uma dimensão fundamental ontologicamente constitutiva do ser propriamente humano. O diálogo se mostra nas reflexões de Paulo Freire como um fator central em qualquer processo pedagógico que pretenda humanizar, libertar e restituir a humanidade roubada dos oprimidos porque é uma exigência existencial, parte da vocação ontológica humana ao ser mais. Pretendemos investigar, partindo das elaborações do pensador recifense, de que modo especificamente se articulam a humanização e a dialogicidade, qual sua relação interna, além de sua relação com a antropovisão freiriana.

**Palavras-Chaves:** Dialogicidade, Humanização, Educação, Desumanização, Pedagogia.

**ABSTRACT:**

When investigating the humanization process, dialogicity is found to be a central element, since it expresses a fundamental ontologically constitutive dimension of the human being. Dialogue is shown in Paulo Freire's reflections as a central factor in any pedagogical process that intends to humanize, liberate and restore the humanity stolen from the oppressed people because it is an existential requirement, part of the human ontological vocation in being more. Based on the elaborations of Recife thinker, we intend to investigate how humanization and dialogicity are specifically articulated, what is their internal relationship, in addition to their relationship with a Freirian anthropovision.

**Keywords:** Dialogicity, Humanization, Education, Dehumanization, Pedagogy.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: [jsouzahrenriques@gmail.com](mailto:jsouzahrenriques@gmail.com)

## **RESUMEN:**

Al investigar el proceso de humanización, la dialogicidad se encuentra como un elemento central, ya que expresa una dimensión fundamental ontológicamente constitutiva del ser humano. El diálogo se muestra en las reflexiones de Paulo Freire como factor central en cualquier proceso pedagógico que pretenda humanizar, liberar y restaurar la humanidad robada a los oprimidos porque es una exigencia existencial, parte de la vocación ontológica humana en ser más. A partir de las elaboraciones del pensador de Recife, pretendemos investigar cómo se articulan específicamente la humanización y la dialogicidad, cuál es su relación interna, además de su relación con una antropovisión freiriana.

**Palabras clave:** dialogicidad, Humanización, Educación, Deshumanización, Pedagogía.

## **INTRODUÇÃO**

A problemática da humanização é central na obra de Paulo Freire e se liga a suas reflexões acerca da condição humana, sua situação existencial e sobretudo de uma prática pedagógica libertária que estreja alinhada com tal propósito: quais os caminhos da prática pedagógica comprometida com a humanização dos sujeitos do processo formativo? Quais práticas devem ser deixadas de lado por se constituírem em entraves ao processo de humanização? São algumas das questões que podem ser exploradas a partir da obra do pensador recifense.

A compreensão do processo de humanização, por sua vez, se radica em uma profunda reflexão sobre a condição humana no mundo: é a partir de uma antropologia que se desdobrará o pensamento pedagógico e libertário, a contestação dos métodos e práticas cujo resultado é a desumanização e a reificação de uns por outros, a negação da humanidade dos oprimidos por parte dos opressores e a proposição de meios e práticas, formas de ação, que tenham como objetivo restituir e permitir a expressão da humanidade dos oprimidos e, a superação da contradição entre opressores e oprimidos – que rouba a humanidade não só dos oprimidos, mas também dos perpetradores da opressão.

Ora, quando se investiga, a partir da reflexão freiriana, o processo de humanização se constata que a dialogicidade é um elemento central, uma vez que expressa uma dimensão fundamental já identificada como ontologicamente constitutiva do ser humano. Existe uma relação necessária entre a concepção antropológica de Paulo Freire e suas reflexões acerca da natureza do processo educativo e do ideal de humanização.

O caráter dialógico é uma fator central em qualquer processo pedagógico que pretenda humanizar, libertar e restituir a humanidade roubada dos oprimidos porque é uma exigência

existencial. Não se pode libertar o homem a não ser que ele mesmo retome, com suas próprias mãos, a humanidade que lhe foi roubada; não se pode criar condições para que este processo de reencontro de mulheres e homens com seu próprio ser sem que o elemento dialógico entre em ação. A dialogicidade, portanto, aparece como uma dimensão central do processo de humanização e de uma prática pedagógica humanizante.

A partir desta reflexão introdutória, consideramos que não existe humanização sem dialogicidade e a dialogicidade não pode se expressar em um ambiente de desumanização e reificação. Entretanto, quais as características da dimensão propriamente humana para Paulo Freire?

## 1 VOCAÇÃO ONTOLÓGICA E HUMANIZAÇÃO:

É em decorrência da abertura constitutiva da situação existencial humana, como ser sempre inacabado, inconcluso, por fazer-se, que abrem-se como caminhos possíveis: “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.” (FREIRE, 1974, p. 30). O carácter inconcluso da natureza humana é a base a partir da qual se abrem as possibilidades de humanização e desumanização. Entretanto, é preciso que de destaque: a humanização é a vocação ontológica do homem, sua busca constante pelo *ser mais* em decorrência de sua própria natureza imperfeita e incompleta. Se esta é sua vocação ontológica, decorrência natural de seu próprio ser, a desumanização, por outro lado, é uma possibilidade e uma distorção histórica, mas não uma vocação. Mulheres e homens não são seres vocacionados para a opressão e redução ao ser menos: “A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm a humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação ao ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica.” (Ibidem, p.30)

Como ser inacabado, o ser humano é sempre ser em movimento, em busca, ser em atualização e crescimento. Mas não é apenas ser inacabado, como é dos animais todos o único que percebe-se como consciente de sua própria incompletude: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.” (FREIRE, 2015, p. 50)

Além de inacabados os seres humanos são seres históricos e, portanto, em construção. A própria educabilidade do ser humano, enquanto manifestação propriamente humanizada, se radica neste traço fundamental de sua constituição ontológica:

“É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez homens e mulheres educáveis, mas sua consciência de sua inconclusão é que gerou a educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos inserta no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança.” (Ibidem, 2015, p. 57)

A humanização é a realização dessa vocação ontológica do homem, de sua busca ao ser sempre mais; incompletos e conscientes de sua incompletude, mulheres e homens são históricos e conscientes de sua historicidade. Se compreendem a própria historicidade, por sua vez, vão à frente de si mesmos, como projetos e agem sobre o mundo, agindo, por meio dele, também sobre si mesmos: daí que a humanização seja também portadora de esperança. Esperança e inacabamento estão intimamente relacionados, sobretudo quando a esperança é ação e não mero aguardar apassivado: “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.” (FREIRE, 1974, p. 97). É por isso que a desumanização, o imperativo dos opressores, carrega consigo uma concepção de natureza humana que o capta como um ser fechado em si, um ser sempre impossível, dado desde já e sempre. Essa concepção desumanizadora da natureza humana, necrófila, mortificadora, estanca o caudaloso rio da vocação ontológica humana, produzindo fatalismo e desesperança, o que, por sua vez, impede a possibilidade do diálogo: “Se o diálogo é o encontro dos homens para Ser Mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso.” (Ibidem, p. 97). Entretanto, em sua rebeldia, é possível aos oprimidos afirmar sua própria existência enquanto seres humanos na negação de sua negação por parte os opressores.

A violência da situação de opressão em sua realidade histórica é, fundamentalmente, uma violência no nível propriamente ontológico: nela a profusão e riqueza de um ser incompleto e aberto sempre a ser mais é negada e alienada. Na situação de opressão os homens tem sua humanidade – sua incompletude constitutiva e o movimento de busca dela decorrente – fechada e negada. Quando somente a alguns é permitido ser no sentido propriamente humano, como abertura, possibilidade, projeto, outros são, alijados de sua própria condição

de ser possível, ontologicamente reificados. É a busca pela humanização dos condenados frente a desumanidade, ao ser menos, que se constitui a revolta dos oprimidos em todo seu espectro de possibilidades, passo inicial de um processo que se intensifica em revolucionário suspendendo finalmente a contradição entre opressores e oprimidos. Entretanto, a humanização não se dá na dimensão meramente individual, mas na coletividade e na comunhão. Por tal motivo, também a humanização não pode se realizar plenamente no âmbito da contradição entre opressores e oprimidos, e a luta dos oprimidos pro sua humanização é um ato de amor também aos opressores que, enquanto oprimem, desfiguram a própria humanidade ao negá-la ao outro oprimido: “Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos. De desumanização.” (FREIRE, 1974, p. 43).

Diante deste panorama no qual à vocação ontológica ao ser mais que constitui o ser propriamente humano se opõe a realidade histórica, enquanto possibilidade, da opressão, desumanização e reificação necrófila de mulheres e homens, surge a possibilidade ou de uma prática pedagógica que seja libertadora e problematizadora, dissolvendo os coágulos desumanizadores do fatalismo e reestabelecendo o livre fluxo ontológico da humanidade, ou de uma prática pedagógica fatalista, reificadora e bancária:

Enquanto a prática ‘bancária’, por tudo o que dela dissemos, enfatiza, direta ou indiretamente, a percepção fatalista que estejam tendo os homens de sua situação, a prática problematizadora, ao contrário, propõe aos homens sua situação como problema. Propõe a eles sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. (Ibidem, p. 43).

A prática da educação libertadora se apoia diretamente na abertura fundamental e ontológica do homem como ser incompleto e, com ela coerente, pretende criar possibilidades de recuperar da reificação o ser dos educandos, inserindo-os, como sujeitos, no processo de busca:

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que corresponda a condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como projetos –, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma de nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento

permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (Ibidem, p. 21).

O ser propriamente humano, inacabado, se inscreve num movimento de busca constante; uma concepção e uma prática educativa que não se identifique com o movimento ontologicamente constitutivo do modo de ser do humano é uma concepção fixista, necrófila, cujo resultado é a reificação e a desumanização.

## **2 DIALOGICIDADE: AÇÃO E REFLEXÃO**

Diante do plano de fundo ontológico do processo de humanização e da colocação, em sincronia com a abertura fundamental do humano - sua incompletude constitutiva, de uma prática educativa coerente e identificada com este traço íntimo do ser humano, apresenta-se a dialogicidade como um elemento fundamental do processo por meio do qual a humanidade negada é restituída aos oprimidos. A própria prática pedagógica, em sintonia com a fundamental incompletude e inacabamento humano, não pode prescindir de sua dialogicidade:

A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. **O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história** (FREIRE, 2015, p. 133, grifo nosso).

Ora, se coerente com aquilo que constitui o fundamento da uma antropologia freiriana, a prática pedagógica não pode ser prática fechada, terminada e dada e sim, construída e reconstruída permanentemente na abertura ao outro, seja na relação eu-tu, seja na abertura diante do mundo. É no espaço do diálogo e de sua abertura que os seres humanos se educam e é de sua própria incompletude que decorre a possibilidade de sua educação; daí também que ensinar não seja transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades de sua construção. Educar monologicamente é tornar em objeto o sujeito do processo de ensino-aprendizagem, destruir a possibilidade do elemento constitutivo de uma prática pedagógica autêntica: a abertura. Se não há abertura, como pode haver diálogo? Se não há diálogo, não há abertura e

logo perdemos o contato com o fundamento inacabado do homem que é a causa de sua educabilidade e o processo torna-se processo de reificação, desumanização.

A dimensão dialógica também se relaciona com necessidade do silêncio e da escuta como componente do diálogo, como momento do processo dialógico: ensinar exige saber escutar, porque a escuta é um momento constitutivo do diálogo, a preparação da fala **com o interlocutor**; o diálogo é a essência da prática pedagógica que leva em conta a abertura ontológica do ser propriamente humano: "Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar seu discurso, as vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele." (FREIRE, 2015, p. 111) Por outro lado, como poderia o docente realmente comunicar-se com o discente se está fechado em si mesmo e não leva em conta a alteridade posta no educando? E seu próprio inacabamento? "Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela." (Ibidem, p. 134), portanto a escuta e a abertura são afins: quando escuto o outro, quando o tenho como sujeito na pronuncia de sua palavra, e não como objeto passivo de minha fala, me abro a realidade da subjetividade outra; quando escuto o ser do outro, que carrega consigo os condicionamentos de sua realidade – quando conheço seu mundo – me abro também, me constituindo enquanto sujeito na abertura dialógica a subjetividade outra. Abertura, dialogicidade e comunicação são coetâneas:

Para Paulo Freire, el ser humano es subjetividad. Pero esa subjetividad de la persona se constituye en la relación dialógica con el otro, con la alteridad, o sea, en la intersubjetividad. La persona no es una entidad autosuficiente que se basta a sí misma. Para ser persona necesitamos del otro/a, caso contrario no lo somos. Persona es relación, es el diálogo infinito con el otro. Sin la apertura a la alteridad del otro no es posible pensar en la constitución de la subjetividad. Los seres humanos se hacen en el encuentro, en el acto de escuchar, en la comunicación y en el diálogo con los otros. Es en el reconocimiento del otro como alteridad que el yo se constituye como persona. (TROMBETTA, 2005, p.46)

Outra caracterização bastante interessante sobre a natureza do diálogo é feita em Pedagogia do oprimido. A palavra como constitutiva do diálogo e esta, por sua vez, em seus

elementos fundantes. A palavra, mais que mero meio para o diálogo, tem em si ação e reflexão intimamente conectadas: “não existe palavra verdadeira que não seja *práxis*. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.” (FREIRE, 1974, p. 91) a palavra, portanto, se constitui em ação e reflexão, em relação dialética e não dicotomizada; a dicotomia entre ação e reflexão no interior da palavra constitutiva do diálogo implicaria ou o excesso do verbalismo ou o extremo ativista. Por outro lado, enquanto unidade dialética entre ação e reflexão, se a palavra verdadeira é transformadora do mundo, não pode ser privilégio de uns, mas direito de todos; a palavra verdadeira não é dita na solidão, mas em comunhão:

“Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é *práxis*, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.” (Ibidem, 1974, p. 92-93)

O diálogo se encontra justamente nesta caracterização da autêntica palavra, a pronúncia do mundo. Mulheres e homens, sujeitos do diálogo, mediatizados pelo mundo encontram-se para pronunciá-lo e aí se estabelece uma relação dialógica; se um dos polos dialógicos se fecha, prescindindo do seu inacabamento constitutivo, de sua abertura fundamental, o diálogo enquanto pronúncia mediatizada do mundo – ação e reflexão nele e sobre ele – se torna impossível.

Entretanto, surge outra questão: que tipo de ação é essa que se encontra em profunda relação com a reflexão na palavra que constitui fundamentalmente o diálogo? É uma ação específica que não pode ser senão a ação dialógica:

“Mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É *práxis*. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é *práxis*, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se, como salientamos no capítulo anterior, ao tratarmos a palavra, nem ao verbalismo, nem ao ativismo.” (Ibidem, p. 145)

Ora, sintonizada com o ser mesmo da dimensão humana enquanto ontologicamente aberta e inconclusa a ação dialógica se diferencia essencialmente e em todos os seus aspectos da ação antidialógica, cujo objetivo é dominar, conquistar e, fundamentalmente, desumanizar o homem o convertendo em coisa: “Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica num sujeito que, conquistando o outro, o transforma



em quase "coisa", na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração.” (FREIRE, 1974, p. 196); a ação dialógica, exatamente por seu carácter humanizador, é o único caminho possível para a emancipação humana. Suas características fundamentais são: o carácter colaborativo, sua força aglutinadora e aproximadora que permite aos oprimidos sua união frente a realidade da opressão, sua capacidade organizativa que operacionaliza a resistência frente a opressão, e sua capacidade de síntese cultural que, ao contrário da misticização da ação antidialógica, pretende a superação da cultura alienada e alienante e, por isso, necessariamente a superação da contradição fundamental entre opressores e oprimidos.

A ação dialogica é, por excelência, segundo Paulo Freire, o *modus operandi* do processo de libertação dos oprimidos; a ação que pretende de fato libertar os oprimidos e, portanto, permitir que eles realizem sua própria humanização, não pode operar de forma antidialógica sob pena de perder-se de si mesma e incorrer na prática opressora e antidialógica, cujos fundamentos são a coisificação dos oprimidos e a negação de sua humanidade.

### **3 ANTROPOVISÃO ANTIDIALÓGICA: O HOMEM COMO SER FECHADO**

Se a ação dialógica e a se apoia em uma visão do homem como fundamentalmente inacabado e aberto, a ação antidialógica, por outro lado, se fundamenta numa concepção diametralmente oposta; a ação antidialógica é de tal natureza que, necessariamente é reificadora porque nega ao homem aquilo que o constitui enquanto propriamente humano:

“Todo ato de conquista implica num sujeito conquista e num objeto conquistado. O sujeito da conquista determina suas finalidades ao objeto conquistado que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador. este, por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo. Um ser, como dissemos já, "hospedeiro" do outro. Desde logo, a ação conquistadora, ao “reificar” os homens, é necrófila.” (FREIRE, 1974, p.163)

A ação antidialógica, retirando o homem oprimido do centro de sua própria história, de sua natural posição como sujeito da construção de si mesmo e, em comunidade, do mundo, impedindo-o de seguir sua vocação ontológica ao ser mais, o converte em mero objeto dos opressores. Enquanto para a ação dialógica a comunicação entre sujeitos é parte constitutiva e necessária, para que a ação antidialógica se constitua enquanto tal é preciso necessariamente que a humanidade - anto do opressor que conquista quanto do oprimido conquistado – seja

mutilada: o opressor converte o oprimido em coisa dominada, em objeto conquistado, converte tu em isto, suprimindo as subjetividades constituintes do momento dialógico: “A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação.” (Ibidem, p. 197)

Se o processo de humanização não pode abrir mão se seu caráter aberto e dialógico, a ação antidialógica, por sua vez, não pode conter nenhum traço dialógico porque exige, necessariamente, a contradição entre opressores e oprimidos e a consequente reificação dos segundos sob a ação violenta dos primeiros. A ação antidialógica precisa, em decorrência de sua natureza intrinsecamente dominadora e necrófila, partir de uma visão mesquinha do homem para relegá-lo a essa mesma posição de submissão e diminuição, torná-lo de sujeito de ação no mundo a objeto que sofre a ação dos dominadores. A antropovisão que reside no fundo da ação cultural antidialógica e opressiva é a concepção do homem enquanto ser submisso, apassivado, capaz apenas de se adaptar a opressão e privado de sua vocação ontológica ao ser mais: “Quem atua sobre os homens para, endoutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores.” (FREIRE, 1974, p. 99).

#### **4 DIÁLOGO COMO ELEMENTO HUMANIZADOR**

O diálogo, portanto, em seus elementos constitutivos, é pronúncia do mundo, no mundo, mediatizados pro ele, entre sujeitos dialógicos. A transformação do mundo pela sua pronúncia – fundamentalmente ação e reflexão em e sobre ele, constitui a ação pela qual mulheres e homens constituem-se em sintonia com a fundamental incompletude de seu ser, o diálogo, portanto, é um elemento de humanização: “Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, **o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.**” (Ibidem, p. 93, grifo nosso).

As relações entre a dialogicidade e a humanização podem se expressar de duas formas: seja de forma mais universal, no modo como os homens, enquanto seres inacabados, dialogam com o campo de possibilidades abertas na busca pelo ser mais, ou no âmbito intersubjetivo no qual, enquanto sujeitos, e somente enquanto sujeitos, os homens se libertam, educam-se e realizam-se mutuamente mediatizados pelo mundo: “A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos

de função, portanto, de responsabilidade somente pode realizar-se pela comunicação.” (FREIRE, 1974, p. 197) Se, por um lado, a abertura humana ao ser mais, sua vocação ontológica, é intimamente ligada com o seu processo de humanização, tal processo por sua vez só pode se dar em um *locus* de abertura: o homem, como ser inacabado e aberto, em busca da superação de si mesmo, só pode realizar-se como homem quando se abre ao possível, de modo que é no diálogo, não apenas no diálogo entre eu-tu, mas no diálogo com a própria possibilidade que se abre adiante – que necessariamente precisa se abrir ao ser outro – que os homens podem realizar sua vocação ontológica. O homem, portanto, realiza-se, humaniza-se plenamente, tanto mais se abra dialogicamente ao outro: tanto o outro como sujeito humano quanto ao outro constituído pela possibilidade aberta. A atitude dialógica coincide com a vocação ontológica da humanidade: quando uma mulher ou um homem se abre ao outro no diálogo, realizam-se, ambos, mutuamente enquanto humanos; quando a humanidade se abre ao diálogo com o seu ser possível, ser outro adiante, realiza-se, humaniza-se em comunhão no diálogo com o ser possível.

A constituição humana como *ser por fazer* implica uma abertura fundamental, sua incompletude; essa incompletude, por sua vez, implica sempre o contraste dialógico com o ser outro, seja ele ser possível ou como outra subjetividade. Essa relação implica, por sua vez, a dialogicidade: no diálogo estabelecido entre diferenças e na abertura dos sujeitos envolvidos, se dá a realização de ambos: no encontro entre sujeitos, ambos se humanizam ao dialogar, no encontro de mulheres e homens e de seu ser enquanto possibilidade, enquanto projeto, realizam-se tanto as mulheres e homens como projetos de si quanto o próprio projeto antes apenas possível. A abertura propiciada por sua natural incompletude, portanto, está intimamente ligada a dialogicidade deste mesmo encontro.

A fé nos homens é apontada por Paulo Freire como um pressuposto do diálogo propriamente dito. O homem dialógico e que se propõe a estabelecer o espaço por meio do qual se estabeleça essa dimensão profundamente humana não pode carecer de fé nos homens e em sua capacidade de criação e transformação:

O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a êle, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que êste poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. Com a instalação do

trabalho não mais escravo mas livre que dá a alegria de viver.” (FREIRE, 1974, p. 96)

Outro pressuposto destacado por Freire como necessário ao diálogo é o amor: amor aos homens e mulheres, ao mundo, à humanidade. O fundamento do diálogo, o amor é, também, de natureza profundamente dialógica. Amor que só se pode estabelecer em uma corajosa relação horizontal e jamais na situação contraditória na qual se encontra a humanidade enquanto cindida entre opressores e oprimidos, dominadores e dominados. Sem amor à vida, sem amor ao mundo e aos homens e mulheres com quem se trava o diálogo, o diálogo sucumbe e desaparece.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao nos aproximarmos da profunda reflexão freiriana sobre a prática pedagógica emancipadora notamos que se pode entrever em suas obras uma reflexão de natureza antropológica que tem por objeto e pressuposto de toda sua reflexão sobre a prática educativa a natureza fundamentalmente incompleta do ser propriamente humano. É de sua natureza incompleta, e consciente de sua incompletude, afirma o pensador recifense, que decorre a própria educabilidade que caracteriza a dimensão humana: ser incompleto e que apercebe-se de tal inacabamento, portanto capaz de aprender e conseqüentemente de ensinar.

O processo de educação, por sua vez, só é realmente emancipador quando permite a realização da vocação ontológica do homem, decorrente da sua constituição antropológica: só é realmente humanizador e libertador quando permite as mulheres e homens a conscientização de sua incompletude e o livre curso da busca que segue-se a essa tomada de consciência, a busca e o constante movimento em direção ao ser mais. Aqui surge a dialogicidade como fundamental no processo de humanização. O processo de educação só é autenticamente libertador e emancipador – só é pedagogia libertária – quando procede dialogicamente, quando permite que tanto o educador quanto o educando, no *locus* de sua incompletude e abertura ontológica, exerçam o papel de sujeitos, sempre mediatizados pela realidade que é objeto de sua ação e fonte de sua reflexão.

O diálogo portanto é um elemento fundamental de humanização pois, ao contrário do procedimento antidialógico que estanca o livre fluxo da infinita atualização do humano em suas possibilidades fraturando o processo educativo entre um sujeito detentor do saber acabado e sujeitos objetificados e apassivados cujo único papel é receber o conhecimento

estático, fechado em si mesmo. Não há humanização, portanto, sem a dimensão dialógica e é por isso que a dialogicidade cumpre um papel tão central na reflexão freiriana guiada sempre pelo ideal humanístico.

## **REFERENCIAS**

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

OLIVEIRA, Cesar de; CARVALHO, Patrícia de. **Alguns elementos da antropologia de Paulo Freire**. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia*, Porto Alegre. v. 04, n. 10, p. 17-30, 2012. Disponível em: [https://www.theoria.com.br/edicao10/alguns\\_elementos\\_da\\_antropologia\\_de\\_paulo\\_freire.pdf](https://www.theoria.com.br/edicao10/alguns_elementos_da_antropologia_de_paulo_freire.pdf). Acesso em: 28 de abr. 2021

TROMBETTA, Sérgio. Alteridad in **Diccionario Paulo Freire**. Danilo R. Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski. (Orgs.). Edición traducida al castellano. Lima: CEAAL, 2015.